

Compartilho minha crônica com publicação no Caderno de Cultura e Variedades do quase centenário jornal Correio Popular, de Campinas, SP

Lembrança para dia de chuva

Antonio Contente

Respirava a fresca da brisa da tarde, sentado no jirau da minha choupana que navega pelas correntes do Delta do Rio Amazonas, quando vi lá longe, bem longe, no horizonte das águas da baía, a nuvem negra. Como parece que o vento está a soprar para o meu lado – pensei – logo mais o aguaceiro chegará por aqui.

Ora, amigos, vamos falar a verdade, ver uma chuva a navegar sobre o mundo líquido de água doce que vai se derramar sobre o Atlântico, é um espetáculo e tanto. As gotas a despencar do alto, vistas à distância, parecem uma nuvem que se estreita e alarga, conforme a força do vento que as empurra. A tarde sobre mim, vai, aos poucos, se tornando densa e parada. Percebo, primeiro, que as gaivotas que estão sempre a voar por ali, sumiram. Prendo a vista nos galhos, nas folhas, e constato que tudo está parado, nada se move, sequer um simples mosquito tem coragem de se soltar ao tempo. E nenhum passarinho sequer pia.

Agora quando o primeiro pingo bate em meu joelho, levanto. Para receber no rosto, plena, a rajada do vento que vem com os bagos fortes, que quase doem na pele do braço ao nela bater. Recolho-me sob a coberta enquanto o aguaceiro despenca não com fúria, mas se derramando copiosamente sobre folhas, galhos, troncos, na composição de uma sinfonia cujas notas somente a partitura que me cobre pode abrigar. E a terra, em pouco, está encharcada. A cascata que despenca dos beirais da choupana é transparente e rica, como se estivesse a conduzir restos de cantos de pássaros e suspiros de voos que entre as telhas derramaram descansos.

Agora sim, este pobre aborígene apenas olha a chuva que cai. A liberar aromas de folhas e flores, isso sem falar da maravilhosa certeza que dá aos passarinhos do quão seguros são seus ninhos, abrigados entre forquilhas e ramos. De repente no céu em frente à choupana, que vai ficando limpo, duas gaivotas voam, em círculo; nalgum lugar, no topo de alguma árvore, um bem-te-vi, este arauto do bom tempo, abre o peito soltando seu canto de benfazejas claridades. Do aguaceiro, agora, me toma apenas a fresca umidade que as rajadas deixaram. Tudo em volta está sombreado e limpo. É a hora propícia para me entregar a algumas lembranças.

Faz muito tempo, lá atrás, no século passado, o dia em que pisei pela primeira no chão desta ilha onde havia apenas uma desconjuntada palafita de madeira. O dono queria vender, não encontrava comprador e, quando menos esperava, o achou, em mim. Pura e simplesmente, na época, eu estava querendo virar um Robinson Crusóe sem Sexta-Feira, e achei que o lugar seria ali. Comprei. A preço de banana.

A palafita era terrível, e nem vou contar o trabalho que deu para torna-la habitável ao mínimo. Pronto, estava eu absolutamente isolado. De repente, bate-me uma espécie de necessidade de que deveria tomar alguma providência igual a que, no livro, tomara o personagem de Daniel Defoe. Que passou a marcar o dia, o mês e o ano em que se encontrava, gravando, com a ponta de uma faca, no plano de uma pedra. Mas como logo saquei que por ali não havia pedras, concluí que teria que fazer o meu calendário na madeira de algum grande tronco de árvore secular. O que não custei a achar, é verdade, pois logo, a uns 300 metros do casebre, achei um belo tronco de bacurizeiro que deveria ter, no mínimo, uns 200 anos. Raspei os cascos de uma boa área e, com a ponta de um punhal, marquei dia, mês e ano de minha primeira dormida no sítio.

Pois nisso eu pensava após a grande chuva de que falo acima quando lembrei do bacurizeiro.

Impulsionado pela curiosidade, levantei e fiz caminhada pelo bem cuidado caminho molhado em busca dele. Foi fácil achá-lo, porém logo descobri que o calendário fora novamente recoberto por cascas e tratei de limpá-lo. A melhor descoberta é que, afinal, a minha folhinha se resumiu apenas a marcação da dormida inicial. Lá estava, 17 de abril de 1985. Dei a volta e retornei ao casebre. Hoje bastante habitável e com uma parte em alvenaria. Anoitecia quando a chuva recomeçou, e concluí

que o único Robinson Crusóe que já existiu foi mesmo o do livro. E que a data no tronco da imensa árvore com mais de trinta metros de altura acabou por se tornar, apenas, o relato de um esplêndido fato para ser lembrando numa tarde de chuva.